

FACULDADE PATOS DE MINAS
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

THAISE CHRISTINA RODRIGUES DOS REIS

DESESTRUTURAÇÃO FAMILAR NO CONTEXTO
ESCOLAR

PATOS DE MINAS

2015

THAISE CHRISTINA RODRIGUES DOS REIS

**DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR NO CONTEXTO
ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Faculdade Patos de
Minas como recurso final de
avaliação do curso de Licenciatura
em Matemática

Orientador: Prof.^a Ms. Márcia Helena
Rodrigues de Matos

PATOS DE MINAS

2015

DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR NO CONTEXTO ESCOLAR

DISRUPTION FAMILY IN SCHOOL CONTEXT

Thaise Christina Rodrigues dos Reis ¹

Márcia Helena Rodrigues de Matos ²

RESUMO

A Desestruturação familiar no contexto escolar é hoje um dos grandes problemas que afeta as famílias. Nesse sentido objetivou-se analisar o compromisso da família sobre seus valores e sobre o papel que ela exerce na educação do aluno, avaliar os transtornos que a desestruturação familiar causa na vida escolar e social de um aluno. No contexto atual da sociedade em que vivemos, a desestrutura familiar se apresenta como um dos principais fatores que influenciam diretamente a vida social e escolar dos filhos. Desta maneira, julgamos pertinente desenvolver um estudo mais aprimorado do tema com o intuito de verificar a possível desestrutura no contexto atual familiar, de comprometimento em educar os filhos e a ausência de afeto para com estes. Este trabalho foi realizado de acordo com os pressupostos metodológicos de pesquisa qualitativa, no período compreendido entre fevereiro e maio de 2015, juntamente com o fichamento do material pesquisado. Conclui-se que, enquanto a família não se conscientizar sobre sua importância na vida social e escolar dos seus filhos, a escola não fará o papel de ensino e sim afetivo.

Palavras-chaves: Desestruturação familiar. Contexto escolar. Relações afetivas Pais X Filhos. Influência dos Pais.

¹ Graduanda em Matemática pela Faculdade Patos de Minas (FPM) thaisechristina@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora orientadora Docente da Faculdade Patos de Minas (FPM) mhelenarodrigues@yahoo.com.br

ABSTRAT

Family breakdown in the school context is now a major problem that affects families. Accordingly aimed to analyze the family's commitment to its values and the role it plays in the education of the student, assess disorders that family breakdown cause in school and social life of a student. In the current context of society in which we live, the family disorders is presented as one of the main factors that directly influence social life and school children. Thus, we deem appropriate to develop a much closer study of the issue in order to verify the possible disrupts the family present context, the commitment to educate their children and lack of affection towards them. This work was performed according to the methodological assumptions of qualitative research in the period between February and May 2015, along with the BOOK REPORT of the researched material. It is concluded that while the family is not aware of its importance in social life and education of their children, the school does not make the role of education but affective.

Keywords: family breakdown. School context. Affective relationships Parents X Children. Parental influence.

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a Desestruturação Familiar no contexto escolar, utilizará a metodologia qualitativa, com o objetivo de compromissar a família sobre seus valores e sobre o papel que ela exerce na educação do aluno. Espera-se que as famílias se conscientizem do importante papel que desempenham na vida escolar, afetiva e social dos seus filhos.

A família sofreu muitas mudanças nas últimas décadas, e hoje encontra-se várias configurações. Isto leva a muitas dúvidas e angústias sobre quais são as formas mais adequadas de lidar com as novas formações familiares. Essas questões surgem nos integrantes das famílias, nos terapeutas e em todos os profissionais que interagem com elas.

Hoje se encontra famílias com configurações muito diferentes da tradicional, pai, mãe, filhos. Famílias monoparentais, onde o número de integrantes sob responsabilidade de um só dos progenitores cresce a cada dia. Na maioria das vezes as mulheres são as responsáveis das tarefas de criar e

educar seus filhos. As famílias de casais homossexuais, também estão crescendo, sendo que grande parte assume os filhos do/da parceira ou adotam crianças e formam uma nova família.

Tiba (1996 p. 66-67) neste sentido, expressa assim sobre a questão:

Nas últimas três décadas, a tradicional divisão de papéis entre o homem e a mulher sofreu grandes alterações. Atualmente, ambos já não recebem mais uma educação formal tão diferenciada. As moças pleiteiam as mesmas faculdades e ocupam espaços cada vez maiores no mercado de trabalho. Com isso, a clássica divisão de tarefas pai/provedor, mãe/rainha do lar foi modificada [...]. Isso é muito bom! A mulher poderia aproveitar essa percepção para iniciar um movimento que lhe garantisse uma posição melhor no mundo. O problema surge quando, por não enfrentar esse contexto novo com tranquilidade, a mãe começa a se cobrar e a querer fazer coisas demais, como uma espécie de punição por ter abandonado os filhos, passando tanto tempo fora de casa. Se, por um lado, a mãe que trabalha fora leva a vantagem de poder enxergar como se sobrecarrega e cria filhos folgados, por outro, corre o risco de exagerar e aumentar ainda mais a sua carga, por julgar que sua ausência lesa as crianças.

O problema surge quando, por não enfrentar esse contexto novo com tranquilidade, a mãe começa a se cobrar e a querer fazer coisas demais, como uma espécie de punição por ter abandonado os filhos, passando tanto tempo fora de casa. Se, por um lado, a mãe que trabalha fora leva a vantagem de poder enxergar como se sobrecarrega e cria filhos folgados, por outro, corre o risco de exagerar e aumentar ainda mais a sua carga, por julgar que sua ausência lesa as crianças (TIBA, 1996).

Já para Kaloustian (1988), a família é indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos, independentemente da estrutura familiar ou da forma como vem se estruturando. É a família que propicia a construção dos laços afetivos e a satisfação das necessidades no desenvolvimento dos filhos. Ela desempenha um papel decisivo na socialização e educação, pois é na família que são absorvidos os primeiros saberes, e onde se aprofundam os laços de solidariedade.

Acredita-se que, sejam quais forem os modelos e configurações das novas famílias, o foco deverá ser sempre possibilitar que as tarefas e funções parentais sejam desempenhadas de forma adequada para o crescimento e desenvolvimento físico e emocional das crianças e adolescentes.

Desta maneira, objetiva-se com este estudo, analisar o comportamento da família sobre seus valores e sobre o papel que ela exerce na educação do aluno e os transtornos que a desestruturação familiar causa na vida escolar deste aluno. No contexto atual da sociedade em que vivemos, a desestrutura familiar se apresenta como um dos principais fatores que influenciam diretamente a vida social e escolar dos filhos. Desse modo, julga-se pertinente desenvolver um estudo mais aprimorado do tema com o intuito de perceber a falta de estrutura familiar, de comprometimento em educar os filhos e ausência de afeto familiar.

Segundo Sukiennik (1996), o alongamento da jornada de trabalho, devido tanto à necessidade de trabalhar mais para aumentar o rendimento familiar quanto ao crescimento das cidades, diminuiu consideravelmente o tempo que os pais dispunham para compartilhar com os filhos. Mas a criança carece de muito afeto e de uma troca com os adultos que vai além da satisfação das suas necessidades fisiológicas. A diminuição desse afeto, dessa troca, empobrece consideravelmente a criança e limita suas possibilidades de amadurecimento. Paradoxalmente, para poder satisfazer as necessidades fisiológicas e materiais dos filhos, os pais precisaram trabalhar cada vez mais, reduzindo com isto o tempo de contato direto com eles.

Além disso, na atualidade fatores complexos contribuem para o ambiente familiar desestruturado no qual, para Eizirik (2001), além dos problemas sociais, a ansiedade e a incerteza já fazem parte intrínseca do contexto da família que encontra cada vez menos verdades prontas e cada vez mais valores que, em grande medida, têm de ser construídos em conjunto.

No que se refere à escola, o comportamento do aluno, suas ações e reações nada significam, se forem consideradas fora das relações sociais em que são tecidas inicialmente no interior do grupo familiar ou das pessoas próximas que lidam com ele.

Neste sentido, segundo Scoz (2002) afirma que:

Nos encontros pedagógicos das escolas em geral ouvem-se queixas de professores, como forma de desabafo e também para tirar de suas costas, a responsabilidade da não aprendizagem, de grande parte de seus alunos. Expressões como: o aluno é preguiçoso e desatento; lento para copiar, para escrever e resolver as atividades fazem parte do cotidiano, da maioria das escolas e a interação professor/aluno pouco tem contribuído para facilitar o

processo de ensino-aprendizagem. Na maioria das vezes a discussão é gerada apenas em torno do foco “alunos que não querem aprender” e “pais que não interessam pelos seus filhos e que não comparecem à escola”, usando como estratégia de responsabilidade, o aluno, pelo seu próprio fracasso escolar. (SCOZ, 2002, p. 12).

Com isso as desculpas, sem consciência e tomada de providencias, tendem aumentar o problema de aprendizagem e com isso, deixa o aluno desmotivado a aprender. O problema com aprendizagem não tem origem, e atribui apenas ao aluno o seu próprio fracasso.

2- HISTÓRIA DA INFÂNCIA

Falar da infância na contemporaneidade, se constitui a partir de diversas perspectivas e uma variedade de reflexões. A proposta deste trabalho é fazer um estudo dos conceitos da infância tomando como parceiros os pensadores que contribuem para o aprofundamento desta temática, dentro de uma perspectiva na qual o contexto histórico-social tenha importância.

As contribuições de Norbert Elias (1994), no que tange à civilização como transformação de comportamento na perspectiva da infância, remete à ideia de que a infância é também uma produção cultural, visto que é através dos processos culturais que se configuram as infâncias.

Foucault (1987), em seus estudos, demonstrou como funcionam as relações de poder sob a ótica do discurso proferido para e sobre a infância. Esse “discurso de verdade” impõe uma generalização do que é ser um sujeito infantil, escamoteando as várias infâncias que vêm sendo, ao longo do tempo, constituídas.

Assim entende-se que a sociedade contemporânea olha para uma infância que mudou. Não mais a infância da Idade Média, entretanto considera-se que somente as pessoas que realmente acompanharam as mudanças históricas sociais conseguem entender essas mudanças.

A temática da infância afirmou-se como objeto histórico com a pesquisa de Philippe Ariés (1981), um clássico na área, que representa um ponto de partida ao percorrer as transformações dos sentimentos e atitudes em relação

à criança desde a Antiguidade até a sociedade Moderna. Ele se utiliza da pesquisa historiográfica e sua narrativa é permeada pela iconografia religiosa e leiga da Idade Média. Apesar de ter sofrido muitas críticas, sua contribuição para a análise das transformações do sentimento de infância ao longo da história ainda é indispensável para a confirmação do pensamento, de que não se trata apenas de modificações biológicas ou naturais, mas de categorizações sociais e históricas sujeitas às transformações que ocorrem na sociedade.

A pesquisa de Ariés ressalta que o sentimento de infância veio surgindo do século XII ao XVIII. Entretanto, na arte medieval até o século XII não se detecta nenhuma expressão infantil. Assim, segundo o Ariés(1981):

Até por volta do século XII, à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la; é difícil acreditar que essa ausência se devesse à falta de habilidade ou de competência. Parece mais provável que a infância não tivesse lugar naquele mundo (ARIÉS, 1981, p. 50).

Durante o século XVII houve uma transformação de pensamento, um novo costume surgia entre a burguesia, em que o termo infância se aproxima do sentido moderno. “A ideia de infância estava ligada a ideia de dependência” (ARIÉS, 1981, p. 42). Isso significava que a criança deixava de sê-la quando esta dispensava cuidados de sobrevivência.

Quando a criança possuía algum tipo de liberdade (entre os cinco ou sete anos), ela demonstrava que estava pronta para ingressar na vida adulta em toda sua dimensão. A partir de então, considerava-se a criança um adulto em miniatura, pois tinha tarefas como as das pessoas mais velhas e todos os tipos de assuntos eram discutidos na sua frente. Logo, a criança era enviada para conviver com outras famílias para aprender os trabalhos domésticos e os valores humanos. A partir da desta separação da criança com os pais o sentimento de infância ficava diluído.

A partir desse conceito, Ariés(1981) define o sentimento familiar:

Por volta do século XIII, surge um sentimento no meio familiar, chamado de “papação”, destinado às crianças bem pequenas. Esse sentimento suscitava nas pessoas um prazer despertado pelos modos peculiares de as crianças se comportarem. As crianças nessa fase aparecem nas obras de arte de maneira variada: caracterizadas na forma adulta; na forma de um anjo representado por um jovem, que se manteve até o século XVII; na forma do menino Jesus, e, na

fase gótica, enrolados em cueiros ou vestidos com uma camisa ou camisola” (ARIÈS, 1981, p.52).

Desse modo, a criança passa a ser vista com nitidez em relação ao sentimento de infância. Movida pela “paparicação” e pela diversão dos adultos, ela é também motivo de irritabilidade e repúdio.

A partir dos pressupostos de uma reconstrução histórica, acontecem as linhas gerais de como se deu a “invenção da infância”, isto é, diante de algumas circunstâncias relacionadas aos limites e às configurações sociais de cada época. A obra de Kuhlmann Jr. (2001) embasa e auxilia na reconstrução do conceito dessa infância:

Dar voz e vez aos diferentes olhares, às diferentes narrativas, resgatar os rastros, estabelecer conexões, dialogar/analisar com outros autores permite que o entendimento das concepções que se têm da infância seja aclarado, reavaliando e atualizando as próprias concepções na contemporaneidade. O sentimento de infância não seria inexistente em tempos antigos ou na Idade Média, como estudos posteriores mostraram. E acrescenta que os historiadores Pierre Riché e Daniele Alexandre-Bidon, arrolaram os mais variados testemunhos da existência de um sentimento da especificidade da infância da época. (KUHLMANN JR, 2001, p. 22).

Portanto, Observa-se que os comportamentos individuais apresentados pelas crianças são entendidos como comportamentos muitas vezes originais, ou seja, que fazem parte da constituição do ser humano. Entretanto, as várias interferências a que as crianças são submetidas nos diferentes contextos históricos, sociais e culturais, demonstram o processo civilizador por qual todo ser humano passa. Assim, gestos, forma de vestir, expressões faciais, denotam o tempo histórico e cultural vivenciado.

3- IMPORTÂNCIA AFETIVA ENTRE PAIS E FILHOS

O histórico social de construção da ideia de família fez com que essa estrutura apresentasse novos formatos, tendo inclusive a mulher como chefe de família além daquelas formadas por duas pessoas do mesmo sexo. Esses novos formatos causaram uma mudança nas relações construídas entre os

indivíduos da sociedade atual gerando, inclusive, novas formas de relacionamentos para esses indivíduos. Além disso, O indivíduo da sociedade atual pode ser compreendido através das diversas situações em que vive, em meio às cobranças sociais que, cada vez mais, exigem um ser humano capaz de lidar com as situações do cotidiano de forma que enfrente os imprevistos e frustrações facilmente; bem como o mercado de trabalho que espera não somente boa formação acadêmica, mas também, um sujeito capaz de lidar de maneira constante com as complicadas situações do cotidiano.

Perceber essas definições tão usadas e importantes na sociedade atual é fundamental para a experiência com o outro de forma que as relações vivenciadas auxiliem na construção e conhecimento do próprio indivíduo assim como na socialização dos espaços experimentados pelo ser humano.

Assim, como a educação e os conceitos éticos e morais são fundamentais para um indivíduo com boas relações na sociedade, a família e as relações afetivas são tão importantes quanto para o crescimento integral. Segundo Abbud (2002):

Família é, portanto, a unidade básica de crescimento do ser humano. É dela a tarefa crucial de socializar a criança e desenvolver a sua personalidade, configurando o seu percurso intelectual, emocional e social. (ABBUD, et al, 2002).

Nesse sentido, a educação desempenhada pelos pais, apoiada no desinteresse, na carência de afeto e nos maus exemplos éticos, pode gerar um filho, solitário, inseguro ou agressivo. A construção da identidade fica comprometida, pois o ser humano é construído a partir da integração entre as realidades emocional, integral, espiritual e física, sofrendo, assim, os efeitos do desinteresse daqueles que mais poderiam ajudar em sua formação.

Dessa forma, as relações construídas a partir do contato com outras pessoas que fazem parte do seu desenvolvimento, podem auxiliar e contribuir para que se alcance os objetivos de formação da criança para a fase adulta.

Nesse sentido, de acordo com Souza (2008) O aspecto afetivo tem fundamental influência no desenvolvimento intelectual do sujeito, determinando em que conteúdos a atividade intelectual se concentrará. O afeto apresenta

várias dimensões, incluindo os sentimentos subjetivos (amor, raiva, depressão) e aspectos expressivos (sorrisos, gritos, lágrimas)

Para Dias (2006) faz-se necessário ter uma pluralista da família, abrigando os mais diversos arranjos familiares, devendo-se buscar a identificação do elemento que permita enlaçar no conceito de entidade familiar todos os relacionamentos que têm origem em um elo de afetividade, independentemente de sua conformação. O desafio dos dias de hoje é achar o toque identificador das estruturas interpessoais que permita nominá-las como família. Esse referencial só pode ser identificado na afetividade.

Essas famílias, atualmente, encontram-se nas mais diversas formações, distanciando-se cada vez mais do modelo monoparental, pai-mãe-filhos. A forma com que as famílias irão influenciar e educar seus filhos ocorre independente da configuração em que se encontram. Assim, Com clareza em suas relações afetivas, seguras e confiantes de suas decisões, conseguirão encaminhar as crianças a um processo de maturação pleno a fim de se tornarem adultos com vivência em sociedade de forma mais apropriada.

Portanto, sem o afeto; sem as relações afetivas, não existe motivação que leve o ser humano ao conhecimento. Segundo Piaget, “[...] não se poderia raciocinar sem vivenciar certos sentimentos e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.” (Piaget, 1977, p.16).

Para Valle (2005), o afeto é um termo geral utilizado para exprimir os fenômenos da afetividade, incluindo as nuances do desejo, do prazer e da dor, presentes na experiência sob a forma de sentimentos vitais, humor e emoções.

O afeto passa tudo aquilo que o ser humano vive desde o seu nascimento até a sua vida adulta. A partir dele é que se definem as relações familiares, as amizades que serão feitas, as decisões tomadas. Dessa maneira, as experiências vivenciadas são a base para as construções futuras, embora as relações com outros indivíduos, como ambiente, também influenciam em situações do cotidiano. Além disso, o funcionamento mental da criança possui lógica qualitativa diferente do funcionamento mental do adulto (PIAGET, 1977). Discutir as relações familiares com as relações afetivas e com a formação da personalidade é de extrema relevância considerando a forma em que a sociedade atual se encontra. Em diversas famílias, há

preocupação excessiva dos pais, e responsáveis pelas crianças, em oferecer o que se acredita ser essencial para a sobrevivência humana. Contudo, esses mesmos pais, e responsáveis, não refletem sobre o que se está transmitindo para suas crianças; o legado que será deixado para elas.

O acompanhamento da família é de tamanha importância que à medida que vão crescendo, os indivíduos, principalmente as que estão em falta de relação familiar estável, vão criando laços com outras pessoas na tentativa de substituir aquela já existente. Através de relações afetivas estáveis e duradouras, com base familiar segura de seu papel, a criança crescerá em um ambiente propício para que seu desenvolvimento ocorra plenamente e essa criança seja um adulto capaz de resolver conflitos e lidar com as situações cotidianas de forma confiante e estável.

Entretanto, o afeto entre as famílias e seus filhos, se desenvolve ao longo do tempo, através do envolvimento que ambos vão tendo no cotidiano de suas vidas. Dessa forma, O modo de vida atual, a correria do cotidiano, como o excesso de trabalho, fez com que as relações entre os responsáveis e seus filhos se distanciassem cada vez mais.

4- IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS QUE A DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR GERA NA VIDA SOCIAL E ESCOLAR DOS FILHOS

Historicamente, as famílias assumem cada vez mais configurações e papéis diferentes, que vão se modificando com o passar dos anos. Porém, o que nunca muda é a importância da participação efetiva da família. Faz-se relevante pontuar que a capacidade de cuidado e proteção da família depende da qualidade de vida que ela apresenta em seu contexto social. Deste modo, o pai ou a mãe embora queiram o melhor para seus filhos irão produzir aquilo que aprenderam com seus pais.

Ultimamente, muitos pais têm deixado a educação totalmente para escola, esperando assim que além da educação, dos ensinamentos sociais, se comprometem ensinar também os valores culturais, a ética e o respeito aos

sentimentos e a propriedade de outros, sendo que isso é encargo da família. A convivência entre escola - família tem sido o mais conflitante, por não haver a troca de ideias. De acordo com Cecon (2001):

A relação família – escola é a mais conflitante, porque apesar de ambas terem como objetivo central a educação de uma criança, os papéis de cada uma devem ser diferenciadas durante esse processo. A família, de maneira generalizada, delega algumas obrigações da educação ao filho à escola e ao professor, eximindo-se do seu papel fundamental de parceira da instituição de ensino na educação da criança. Os professores, frente a essa nova obrigação, se vêm forçados a responder pelo comportamento positivo ou negativo do aluno, além de se preocupar com o programa curricular, provas, exercícios e etc. (CECON et al. 2001, s/p apud JARDIM, 2006, p.44).

Nesse sentido, muitos pais não conseguem perceber a importância que tem seu envolvimento no aprendizado do aluno, deixando tudo na responsabilidade dos professores. É lógico que a escola não vai deixar de ensinar os valores morais e afetivos ao aluno, até por que a escola se torna sua segunda casa, mas a família tem que estar presente na vida cotidiana da criança. Na idade infantil elas necessitam muito da presença da família, e quando não a tem, sentem falta fazendo de tudo para chamar sua atenção.

Muitas vezes, quando a família não vai bem há uma crise de autoridade, o que afeta a criança. Segundo (MALHO, 2006, s/p) “[...] a intolerância, a agressividade, o desinteresse, a superproteção, marcam a personalidade da criança conduzindo-a a comportamentos anormais que muitas vezes refletem nas atitudes face à escola.” Além disso, nos casos de ocorrências disciplinares recorrentes nas escolas, acontece da família que normalmente não participa do cotidiano escolar dos seus filhos, apresentar-se na escola para conversar com os professores e coordenação para juntos tentarem encontrar uma solução. Nessa direção, Pilette (2009) afirma que:

Tratando sobre o ambiente familiar, nos traz que as crianças amadas sentem-se mais seguras, confiantes, participam das aulas, são interessadas e apresentam entusiasmo nas atividades; quanto à convivência com os colegas e profissionais da escola, estes alunos que vivem em ambientes afetuosos são respeitadores. Por outro lado, as crianças que vivem em ambientes conturbados, com responsáveis agressivos, hostis, sem amor, geralmente não têm confiança em si mesmos, não colaboram nos trabalhos em equipe e apresenta comportamento agressivo, talvez como forma de defender-se dessa falta de amor. (Pilette, 2009, p. 280).

Porém, quanto a estes fatores e sobre as variações das relações familiares e até mesmo da personalidade de cada um, Pilette (2009 p. 280) alerta que “convém considerar que as situações familiares variam muito e que o comportamento humano é complexo e cada um estabelece os próprios padrões de conduta.”

O que se pode perceber é que esses jovens, na fase de pré-adolescência/ adolescência estão passando por um período de tantas transformações, no corpo e na mente, que precisam, mais do que nunca, de um suporte para ajudá-los a construir sua identidade, pois, como diz Pelt (2006, p. 85), nessa fase “o adolescente ainda não pode ter a liberdade de uma vida adulta, mas também já não tem os privilégios de ser criança”.

Além do exposto, pesquisas feitas em escolas públicas de todo o Brasil, tem demonstrado que, quando os responsáveis se interessam pelo cotidiano escolar de seus filhos, os auxiliam nas atividades, estudam com eles e procuram os professores na escola para conversar sobre a aprendizagem, eles se sentem mais seguros e com isso avançam muito mais.

Considerando-se a importância da família para o desenvolvimento dos seus filhos, bem como a questão do ciclo de vida familiar, pode-se dizer que um evento previsível que apresenta grande impacto na vida familiar é a adolescência, considerada como uma crise importante no contexto familiar (Kalina, 1999; Tallón & cols., 1999).

Encarada como uma fase do ciclo de vida familiar, a adolescência apresenta tarefas particulares, que envolvem todos os membros da família, pois este período se constitui como uma fase de transição do indivíduo, da infância para a idade adulta, evoluindo de um estado de intensa dependência para uma condição de autonomia pessoal (Silva & Mattos, 2004) e de uma condição de necessidade de controle externo para o autocontrole (Biasoli-Alves, 2001), sendo marcado por mudanças evolutivas rápidas.

5- EDUCAR É UM PROCESSO QUE EXIGE EQUILIBRIO

Na sociedade fala-se muito em limites. Porém a criança não aprende a ter limite individualmente, são necessários os pais, os familiares, a escola e todos aqueles que o rodeiam orientá-los em seus desejos e vontades, mostrando sempre como se deve agir seja qual for a situação. Hoje nas escolas o que mais se percebe é a falta de limites das crianças e adolescentes, pois, na atualidade, famílias desestruturadas demonstram facilmente suas irritações e descontrole sentimental através da comunicação com seus filhos, o que reflete no ambiente escolar.

É importante ressaltar que, os pais são os responsáveis pelo ensinamento, sobretudo, de valores e a escola deve auxiliá-los nesta tarefa, porém, a responsabilidade é do grupo familiar independentemente de qual sua configuração, pois a orientação da família é insubstituível na educação da criança ou adolescente. Entretanto, proporcionar a individualização e a aceitação de valores é um processo longo que passa pelos relacionamentos familiares, o que influencia positivamente o indivíduo em desenvolvimento, de forma que este aprenda a interagir no meio social em que vive.

Segundo Zagury (2001), o mesmo ocorre com crianças e adolescentes que não aprenderam a lidar com a perda, quando um familiar morre, ficam assustados com a possibilidade de ficarem sós. Nesse instante o restante da família deve dar o devido apoio, no sentido de a criança perceber que não está só.

Nesse sentido, toda criança precisa aprender a lidar com as frustrações e dificuldade. E em outras palavras, deve aprender a crescer, ter a maturidade individual necessária para superar momentos de desequilíbrio. Mas, para isso são necessárias famílias unidas, sejam elas com pais separados ou não ou formadas por homossexuais ou famílias monoparentais. Desse modo, Zagury (1994.p. 75) esclarece: “Administrar conflitos é uma arte e um exercício de paciência. Porque o antigo dito popular ‘ensinar é repetir’ assume, na relação com os filhos, uma dimensão infinita. ”

Além disso, vale lembrar que, principalmente as crianças e adolescentes, não gostam que seus pontos fracos sejam expostos ou mesmo criticados. Logo, a família deve agir com elogios e incentivos, embora, o fato de se oferecer elogios não significa deixar de lidar com as dificuldades, porém, isso dá ênfase aos pontos positivos daquele momento.

Entretanto, segundo Zagury (2001. p. 66), “é importante que se haja com equilíbrio; exageros sempre soam de forma falsa; tanto o elogio quanto o prêmio devem ser adequados à dimensão do ato”.

Educar é um processo complexo, onde quem ensina aprende. O aprender por sua vez tem seu fundamento na individualização do ser. Porém, essa complexidade se reduz quando a escola e a família tem um mesmo ideal. Na atualidade, as pessoas estão cada vez mais distantes uma das outras E com isso, o ser humano passa a necessitar cada vez mais de segurança afetiva. Mesmo assim, ainda não encontrou a melhor forma de criar seus filhos, pois as pessoas continuam casando e descasando-se.

Essa instabilidade familiar acarreta às vezes, certa negligência por parte dos cuidadores, e isso gera muitos conflitos entre os pais e os adolescentes, que necessitam nesse momento de muita flexibilidade e bom senso, pois, estes ainda não estão formados completamente e isso faz com que se comportem ora como adulto ora como criança, o que gera certa dificuldade em respeitar os limites impostos.

Além disso, a não colocação de limites, significa descompromisso em relação aos filhos e à sociedade. Entretanto, dar liberdade pode significar dar demasiada responsabilidade.

É pena que ao se falar em limites para as crianças e adolescentes, seja preciso reconhecer que, antes, inúmeros adultos necessitam deles nas suas relações pessoais, para depois poder colocá-los em prática na família. Conclui-se que nenhum homem é superior, principalmente No que se diz respeito aos filhos, e por que não dizer, alunos.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a infância é um processo importante na vida do ser humano e requer a participação efetiva da família. Os conceitos de infância têm se modificado a cada dia gerando mudanças no comportamento. Entretanto, quando as crianças têm uma vida com liberdade seguidas de regras, elas estão preparadas para uma vida adulta.

Nos dias atuais, mesmo com as novas configurações familiares, a família continua tendo um papel de extrema importância na vida social, escolar, e afetiva dos filhos. Pois, assim como a educação, os conceitos éticos e morais são fundamentais para um indivíduo com boas relações na sociedade, do mesmo modo que a família e as relações afetivas são extremamente importantes para seu crescimento integral. Nesse sentido, os laços afetivos que as famílias constroem no decorrer dos anos é a base em que os filhos se apoiam para as transformações da vida adulta.

Apesar disso, no mundo em que vivemos hoje, os pais têm retirado de si a responsabilidade da educação, delegando cada vez mais este papel à escola, não percebendo o quanto importante é sua participação na vida escolar de seus filhos.

Além disso, muitas famílias passam por processos de separações, que muitas vezes refletem e influenciam de maneira negativa o comportamento das crianças e adolescentes, principalmente, na sua vida escolar.

Outra situação de relevância no caso da separação dos pais se refere ao fato de que os filhos, na maioria das vezes sempre ficam com as mães, e em geral esta acaba arrumando outro parceiro (a). Nesse sentido, os filhos podem acarretar problemas relacionados com aquele novo conjugue, dando início a batalhas e a disputas, onde a mãe sempre fica no meio desse problema, embora, muitas vezes, erra em expor os pontos fracos da criança ou adolescente na frente de outras pessoas. Todo esse processo contribui para que os pais se tornem descompromissados em relação aos filhos não impondo limites em suas vidas.

Diante do exposto, fica claro que a desestruturação familiar, acarreta muitos problemas na vida de uma família principalmente dos filhos que passam por inúmeras transformações até a sua fase adulta. E que a família precisa impor limites, mas ao mesmo tempo dar liberdade a seus filhos liberdade para que estes possam ser adultos bem resolvidos e livres dos possíveis transtornos vivenciados no decorrer de sua infância e adolescência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

CASARIN, N. **Família e aprendizagem escolar**. Porto Alegre. Disponível em: <2007http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/24/TDE-2007-04-12T143957Z-499/Publico/389091.pdf>. Acesso em: 21 out. 2015

CECCON, C.; OLIVEIRA, M.; OLIVEIRA, R. **A vida na escola e a escola da vida**. Petrópolis: Vozes. 2001.

DIAS, M. B. **Manual de Direito das Famílias**. 3. Ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2006.

EIZIRIK, C. **O ciclo da vida humana**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

JARDIM, A. P. **Relações entre família e escola: proposta de ação no processo de ensino-aprendizagem**. Presidente Prudente, 2006.

KALINA, E. **Psicoterapia de adolescentes: teoria, técnica e casos clínicos**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo**. São Paulo: Cortez, 1988.

KUHLMANN, J. M. **O Jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX**. In: MONARCHA, Carlos (Org.). Educação da infância brasileira: 1875-1983. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 3-30. Coleção educação contemporânea.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

MALHO, M. J. Criança, Família, Escola, que Relação? Boletim do IAC. Disponível

PELT, N. V. **Como formar filhos vencedores – Desenvolvendo o caráter a personalidade**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

PIAJET, J. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. 17ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

SARMENTO, M. **A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade**. In: LEITE FILHO, A.; GARCIA, Regina (orgs.). Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, V.; MATTOS, H. **Os jovens são mais vulneráveis às drogas?** Em I. Pinsky & M. A. Bessa (Orgs.) 2004

SOUZA, M. do R. S. **Afetividade: A questão afetiva se bem atendida ajudará seu filho para que tenha êxito na escola**. Campinas, 2008.

SUKIENNIK, P. B. **O aluno problema: transtornos emocionais de crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. TAILLE, Yves de La. **Limites: três dimensões educacionais**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TAILLE, Y. de L. **Limites: três dimensões educacionais**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TIBA, I. **Disciplina: o limite na medida certa**. 2. ed. São Paulo: Gente, 1996

VALLE, Â. da R. **Psicol. Am. Lat. México**. 2005, nº 3. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em: 01 out. 2015.

ZAGURY, T. **Limites sem trauma**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Sem padecer no paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

DIAS, O. M. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: o processo de comunicação no sistema familiar. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. nº 25, p. 139-156, 2011. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/1579/888>>. Acesso em: 23 ago. 2015.